

AFINIDADES ELETIVAS: SINTONIA ENTRE NEOLIBERALISMO, PENTECOSTALISMO EVANGÉLICO, CATOLICISMO REACIONÁRIO E EXTREMA DIREITA

Élio Gasda. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. gasdasj@hotmail.com

Professor pesquisador da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Doutor em Teologia
(Universidad Pontificia Comillas / Espanha), Pós-doutor em Filosofia Política (Universidade
Católica de Portugal)

Resumo:

Apoiado no conceito *Afinidades eletivas*, o texto oferece uma análise do contexto político-religioso brasileiro. Qual a sintonia entre neoliberalismo, pentecostalismo evangélico, catolicismo reacionário e extrema direita? O que querem? A resposta identifica as seguintes afinidades: Extrema direita católica/neopentecostal global, família, indivíduo evangélico/neoliberal, despolitização da sociedade, Brasil religioso neoliberal/conservador de (extrema) direita, teocracia de mercado. O texto recorre à Baruch Espinoza, Karl Marx e Oscar Cullman para interpretar as origens das afinidades. E finaliza com uma provocação.

Palavras chave: neoliberalismo, política, pentecostalismo evangélico, catolicismo reacionário, fascismo, teocracia.

Introdução

A periferia do capitalismo rentista chamada Brasil atravessa uma longa noite fria neoliberal: perseguição implacável aos povos indígenas, populações quilombolas, comunidades periféricas, racismo assassino, espoliação dos trabalhadores, fome, devastação ambiental. Simultaneamente, os ricos ficaram ainda mais ricos. “O grito dos pobres se torna mais forte. A cada dia é menos ouvido, porque é abafado pelo barulho de poucos ricos que são sempre menos e sempre mais ricos” (Papa Francisco). A extrema concentração do poder econômico levou à concentração do poder político. O poder das corporações atua de forma subterrânea nas instâncias do Estado.

Em geopolítica, as afinidades que abordaremos acontecem em uma *sociedade de risco global* (Ulrich Beck), na *era da incerteza* (Galbraith) e da *estupidez humana* (Carlo Cipolla) e da *necropolítica* (Achile Mbembe) do *neoliberalismo Frankenstein* (Wendi Brown).

Que aspectos confluem para a irrupção da extrema direita de perfil cristão fundamentalista? Goethe, na obra *As Afinidades eletivas*¹, descreve a tendência de uma substância ser atraída e combinar com outra de forma inexorável. Considerando o cenário, nomeamos as seguintes afinidades eletivas: Extrema direita evangélica/católica global “à brasileira”; Família: eixo das afinidades; Indivíduo evangélico/neoliberal; Política e sociedade: despolitização radical; Brasil religioso neoliberal/conservador de (extrema) direita; Teocracia. O texto termina oferecendo uma consideração final.

1. Extrema direita evangélica/católica global “à brasileira”

Igrejas reacionárias fundamentalistas, denominações religiosas de matriz cristã são incubadoras e o núcleo da extrema direita global. Neopentecostalismo, direita católica, extrema direita e neoliberalismo conectam-se na oposição à ordem mundial, aos feminismos, às migrações, à ciência, ao gênero e diversidade.

Esse cristianismo é um dos pilares da democracia cristã antiliberal de Orbán na Hungria e de Duda na Polônia. Giorgia Meloni, herdeira de Berlusconi e Salvini, foi eleita na Itália com o mesmo lema de Bolsonaro: *Dio, Patria, Famiglia e Libertà*. O encontro entre ela e cardeal Sarah confirma a afinidade. Na Suécia, o partido de extrema direita, Democratas Suecos, ficou em segundo lugar nas eleições de 2022. O Brasil é um laboratório da extrema direita global. É o país onde mais cresce o número de grupos de extrema direita².

Em primeiro lugar, as erupções reacionárias aparecem como reação diante do avanço da democracia liberal e dos direitos humanos, traduzem todo o ódio à *democracia* (Rancière). Nas últimas décadas, movimentos sociais deslocaram o enfoque classista da luta por igualdade para lutas com demandas de diversidade identitária, políticas de gênero, igualdade dos LBTQIA+ e antirracismo.

Em segundo lugar, a fé segue os padrões de empobrecimento dos trabalhadores. Instituições religiosas exitosas em termos numéricos são as que se concentram nas inseguranças sociais. Contextos de exclusão generalizada, pobreza e religiosidade estabelecem um terreno fértil para a expansão de religiões de cunho conservador³.

O pentecostalismo em suas diversas expressões está se tornando a religião dos pobres. Famílias, jovens, migrantes, afro-americanos que chegam às periferias encontram uma igreja evangélico-

¹ GOETHE, 2014.

² Cf. Pesquisa da *Anti-Defamation League e Observatório da Extrema Direita*. Entre 2019 e 2021, houve um aumento de 258% no número de pessoas que passaram a integrar grupos neonazistas. 52 grupos organizados em 530 células distribuídas pelo país.

³ SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian, 2020.

pentecostal em cada quarteirão. A esses “desprotegidos sociais” são dirigidas as pregações centradas na “riqueza” do corpo (dinheiro), na cura da alma (exorcismos), de um Deus pronto a socorrê-los.

Neopentecostalismo de resultados a partir da recusa do sofrimento: “Pare de Sofrer”, “Pronto-Socorro Espiritual 24 horas”. O sofrimento convertido em fonte de renda. Fala-se menos de Evangelho e mais em combater o pecado e a corrupção moral da sociedade. Um Deus policial-punitivo.

Igrejas estão se tornando Estados dentro do Estado. Dízimos são uma forma de tributação em troca de serviços de saúde (milagres e curas), aconselhamento e intercessões. O *evangelho da prosperidade* tem sucesso onde o governo não está.

“Os evangélicos chegaram para ficar, ficaram para crescer e cresceram para conquistar” (José Luis Pérez Guadalupe). Evangélicos levantam bandeiras da política partidária em todo continente com candidatos próprios na certeza de que constituem uma força política capaz de modificar os rumos de um país.

Na Igreja católica, João Paulo II e Joseph Ratzinger orquestraram a reação conservadora contra a Teologia da Libertação, as CEBs e as pastorais sociais. Na Canção Nova, Pai Eterno, Obra de Maria, Opus Dei, não basta ser católico, é preciso ser renovado no espírito. A prática é pentecostal: missas de cura e libertação, cerco de Jericó, glossolalia, louvores em abundância, moralismo. São os setores com mais influência junto às dioceses, seminários, paróquias. Seminaristas se submetem ao processo formativo normal para, depois de ordenados, aplicarem o tradicionalismo reacionário que aprenderam na internet e nos movimentos ultraconservadores.

2. Família: eixo das afinidades

Neoliberalismo e cristianismo reacionário devem ser pensados conjuntamente. A história das formações econômicas e políticas não pode ser compreendida sem as categorias de gênero, raça e sexualidade.

O neoliberalismo está tão interessado na família quanto evangélicos pentecostais e católicos reacionários. A sintonia em defesa da família tradicional aproxima neoliberais e neoconservadorismo religioso da extrema direita. O neoliberalismo que emerge em escolas como Chicago nos anos 1960 e 1970 coincide com o conservadorismo religioso de católicos e evangélicos que emerge no mesmo período⁴.

⁴ Cf. COOPER, Melinda, 2022. A análise da família se apoia na autora.

Neoliberais reduzem as relações sociais à relação de contrato privado e monetizam o que ainda está fora do mercado. Isso transparece na “nova economia doméstica” que abrange a criação de mercados do amor, órgão, adoção de bebês etc. “Serviços de cuidado humanos” são monetizados pelo mercado.

O desmonte das políticas públicas exige que tarefas de cuidado antes exercidas pelo Estado sejam assumidas pelas mulheres nas famílias. Ao mesmo tempo em que se espera que as mulheres trabalhem fora por um salário, exige-se que elas continuem a trabalhar em casa sem salário. Neoliberais investem na “responsabilidade familiar” de cuidados de saúde, educação e dos idosos. A família atua como alternativa ao desmonte das políticas públicas para que eles se tornem produto de mercado. Neoliberalismo não é apenas um regime de “responsabilidade individual”, é também um regime de “responsabilidade familiar”.

A religião tem a responsabilidade de disciplinar a reprodução da vida social e a divisão sexual do trabalho. Igrejas são subsidiadas para oferecer serviços de assistência, abrigos para sem-teto, cozinhas com distribuição de alimentos, tratamento para dependentes químicos, auxílio nos presídios. São funções de Estado delegadas às religiões. Como contrapartida, a regulação da sexualidade como uma questão privada. O movimento global contra a ideologia de gênero e os direitos reprodutivos conjuga católicos, evangélicos, judeus ortodoxos e muçulmanos conservadores.

3. Indivíduo evangélico/neoliberal

O neoliberalismo se dá na esfera da vida cotidiana. A ética neoliberal se pauta no princípio de que cada um é responsável por sua própria vida⁵. A cidadania é submetida aos critérios econômicos. O valor da dignidade humana é substituído pelo valor econômico que ela tem no mercado.

O governo da população se dá *para e pelo* mercado. *Para* o mercado, convertendo a população em recursos rentáveis integrando-a via qualificação competitiva e descartando grupos desnecessários à economia. *Pelo* modelo de mercado, introduzindo a concorrência tanto no mercado de trabalho quanto fora.

Os indivíduos, submetidos a situações de concorrência por toda parte e ameaçados pelo desemprego e a precariedade, aderem ao mercado: investimentos em si mesmo, disciplina, marketing pessoal, empreendedorismo. Todas as respostas devem ser buscadas no âmbito individual, familiar e empresarial⁶. Um empresário de si mesmo com obsessão consumista.

⁵ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian, 2019.

⁶ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian, 2018.

O crescimento dos fundamentalismos, a expansão dos evangélicos pentecostais é compatível com esse *ethos* neoliberal. O mercado da fé cumpre uma função na configuração dessa subjetividade nas periferias. Igrejas se tornam empresas que oferecem possibilidade de ascensão social. Pregações acentuam passagens bíblicas que afagam a autoestima. Ser abençoado é ser vencedor! Alcançar vitórias é ter prosperidade! Dinheiro se converte em principal benção divina de um “Deus neoliberal”. Nada de discurso escatológico. Se Jesus voltar, vai estragar a festa neoliberal.

O produto final é o próprio sujeito. “Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma” (Margareth Thatcher). A empresa nasce no coração do indivíduo para que toda a sociedade seja conformada como uma empresa.

A racionalidade neoliberal substitui o modelo de sociedade baseado no contrato social produtor de justiça por uma sociedade concebida como mercado. “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Mark Fischer).

4. Política e sociedade: despolitização radical

O neoliberalismo reconfigura o papel do Estado. Mercado e a liberdade econômica individual precisam ser defendidos por um Estado forte⁷. O neoliberalismo cria um quadro jurídico e dá o nome de “Estado de Direito” para impor suas políticas.

A expansão do neoliberalismo reforça o aparato penal do Estado. O *Estado* com dois rostos opostos nos dois extremos da estrutura social: edificante e ‘libertador’ no topo; penalizador na base para os espoliados pelo topo. Aos pobres resta o encarceramento, a fome, a imigração e a precarização do trabalho.

O neoliberalismo condiciona a democracia aos interesses do mercado. Para que mercado e as liberdades individuais possam reinar, o Estado despolitiza a sociedade manipulando os sujeitos para que os mesmos se ocupem com seu desempenho no mercado. Essa despolitização não se limita ao uso da força coercitiva. Há outras estratégias: Estado forte blindado dos interesses dos pobres, políticas sociais de caráter disciplinador, gestão penal da pobreza, encarceramento em massa, repressão a sindicatos e manifestações populares; ataque à ideia de justiça social.

Neoliberais brasileiros se inspiram em Friedrich Hayek para impor uma ditadura do mercado ao país. Hayek admite a combinação do neoliberalismo com autoritarismo: [Neo] Liberalismo e democracia não são a mesma coisa. O primeiro diz respeito à extensão do poder governamental, o segundo a quem dispõe desse poder. O oposto do [neo]liberalismo é o

⁷ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. 2021.

totalitarismo. Oposto da democracia é o autoritarismo. É possível que um governo democrático seja totalitário e que um governo autoritário aja de acordo com princípios [neo] liberais. “Prefiro um ditador liberal a um governo democrático não liberal”⁸.

A retórica do Estado mínimo é propaganda ideológica para as massas. Aqui está a afinidade do neoliberalismo com práticas autoritárias de extrema direita. Ambos travam uma guerra em defesa do mercado.

No Brasil, o neoliberalismo herdou as estratégias da ditadura militar. A guerra ao inimigo interno torna-se guerra às drogas, ao crime organizado, aos movimentos sociais e sindicatos, às favelas. Gestão militarizada da pobreza em nome da liberdade⁹. “Temos uma nova guerra civil mundial em pedaços” (Papa Francisco).

O inimigo do neoliberalismo e da extrema direita é, acima de tudo, a igualdade e a justiça social. Mercado acima de tudo!

5. Brasil religioso neoliberal/conservador de (extrema) direita?

A religião é uma característica indelével do brasileiro. Interesses religiosos sempre estiveram presentes na política.

As eleições apontaram uma relação entre transição religiosa e voto. A transição religiosa se caracteriza por mudança na correlação de forças entre os dois maiores grupos cristãos: diminuição de católicos, aumento de evangélicos, pluralidade religiosa. São abertas 21 igrejas por dia¹⁰.

Essa transição tem impactos imediatos na política. Em 2022 estados mais avançados na transição religiosa (Rondônia, Roraima, Acre, Espírito Santo e Rio de Janeiro) deram ampla vitória à Bolsonaro. Lula teve maioria entre católicos, outras religiões e os sem religião.

Desde os anos oitenta o tele-evangelismo mobiliza multidões em torno de visão reacionária a favor da família, contra a população LGBTQIA+, aborto, feminismo, contra o comunismo, etc. A mudança de atitude dos evangélicos está ilustrada pelo assembleiano Josué Sylvestre, no livro *Irmão vota em Irmão: os evangélicos, a Constituinte e a Bíblia* (1986).

Simultaneamente, a redemocratização possibilitou o surgimento de movimentos por reconhecimento de direitos que se traduziram em conquistas: gênero, raça e diversidade de orientação sexual; lei de cotas, união civil homoafetiva, etc. Isso gerou uma reação dos setores

⁸ HAYEK, Friedrich. *Entrevista para o jornal “El Mercurio”*, em 12 de abril de 1981.

⁹ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian, 2021.

¹⁰ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/salto-evangelico-21-igrejas-sao-abertas-por-dia-no-brasil-segmento-e-alvo-de-lula-e-bolsonaro.ghtml> . Acesso em: 22/09/22.

que viram nessas conquistas uma ameaça à ordem estabelecida pela religião (DEUS). Pentecostalismo e catolicismo reacionário são pontas de lança desta reação. TVs católicas e evangélicas receberam 40% das licenças na gestão Bolsonaro. A TV Canção Nova obteve 34 autorizações de retransmissoras de TV digital.

A hipótese Habermasiana: Em *Entre naturalismo e religião*¹¹, Habermas analisa a reconciliação entre razão e religião nas democracias. Um Estado liberal necessita manter a aderência de seus “cidadãos do Estado” por meio de uma sociedade que se alimenta de fontes “pré-políticas”. Ao contrário dos “Cidadãos da sociedade”, destinatários do direito, “cidadãos de Estado” sentem-se coprodutores das leis.

Discursos pré-políticos (religiosos) mantem “cidadãos do Estado” engajados em defesa de valores morais reacionários. Emergiram discursos em torno do grande mal moral, a corrupção. Os culpados? O PT e a esquerda. O eleitor foi atraído por apelos como pátria, família, Deus. Setores evangélico-neopentecostais propagam que a resposta está na defesa da família e da religião e articulam suas demandas na mídia, nas comunidades periféricas. Se apresentam como fiadores da nova ordem antipetista anti-esquerda. Setores do catolicismo encontraram em Bolsonaro um legitimador do seu moralismo. Muitos surfaram nas ondas do combate à corrupção, santificaram Bolsonaro e demonizaram a esquerda e o PT.

O *voto de cabresto pastoral* deu resultado. Câmara federal e assembleias legislativas têm recorde de pastores evangélicos eleitos em 2022. 28 parlamentares usaram identificações evangélicas nas urnas. Parlamentares que usaram títulos como "pastor" (16), "bispo" e "missionário". O número de pastores candidatos neste ano, de 476, foi cerca de 20% superior ao registrado em 2018.

6. Teocracia de mercado

“Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. Minorias têm que se curvar para as maiorias” (Jair Bolsonaro).

Giorgio Agamben e Carl Schmitt nos ajudam a situar a afinidade em torno da teocracia e a *Teologia do domínio*.

Giorgio Agamben¹²: Da teologia cristã derivam dois paradigmas: *Teologia política*, que fundamenta em Deus a transcendência do poder soberano; a *Teologia econômica*, que substitui a *teologia política* por uma *oikonomia* concebida como uma ordem imanente da vida humana.

¹¹ HABERMAS, Jurgem, 2007.

¹² AGAMBEN, Giorgio, 2011.

Da *Teologia política* deriva a filosofia política e a teoria moderna da soberania. Da *teologia econômica* deriva a biopolítica moderna e o triunfo da economia. A teologia converte a política em plataforma de ação.

Carl Schmitt: Soberano é quem decide sobre o estado de exceção¹³. A teologização do Estado permite a imposição de uma verdade absoluta como fundamento da política. O Estado se apoia em uma ordem jurídica que não pode fundar-se sobre si mesma. É necessário um poder soberano acima da sociedade capaz de constituí-lo (*Deus acima de todos*) e que seja anterior à lei (*Bíblia sim, Constituição não*). A sociedade necessita de um líder que defina o que é bem e mal. Somente ele, o soberano, ungido pelo *Absoluto soberano*, pode restaurar uma nação.

A *Dominion Theology* surgiu nos anos 90 entre neopentecostais nos Estados Unidos. O domínio sobre a terra foi dado por Deus aos homens desde Adão, mas foi perdido pelo pecado e pelas forças do mal (esquerdistas, comunistas, gays, feministas, ateus, ideologia de gênero, globalistas). Restaurado por Jesus, o domínio deve ser retomado pelos eleitos de Deus.

A luta contra o pecado e o demônio é política. Esses neopentecostais acreditam que estão salvando o Brasil em missão divina. Bolsonaro é tratado como ungido de Deus para recuperar seu governo sobre a terra. A luta contra o mal acontece em sete esferas (7 Montanhas): artes e entretenimento, negócios, governo, família, mídia, religião, educação. Esse projeto é apresentado em 2009, pelo apóstolo Fernando Guillen em seu livro “Sete Montes” (BH, 2009). A Teologia do Domínio é ensinada em muitos templos evangélicos. Em 2009, Edir Macedo, lançou o livro “Plano de Poder” e criou o PRB, atual Republicanos. Lema: "O verdadeiro partido conservador do Brasil."

A Teologia do Domínio explica o avanço sobre as instituições do Estado: Bolsonaro na presidência da república (executivo), Frente Parlamentar Evangélica e parlamentares “cristãos” (Legislativo); ANAJURE - Associação Nacional de Juristas Evangélicos – e ministros “terrivelmente evangélicos” (judiciário).

A política moderna no Brasil é um capítulo na história da religião? (John Gray)

Baruch Espinoza elabora uma crítica a todo engodo que contamina a religião e a política que mantém o indivíduo preso na ignorância. “O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição. [...] não há nada mais eficaz do que a superstição para governar as multidões. Estas são facilmente levadas, sob a capa da religião, ora a adorar reis como se fossem deuses, ora a execrá-los e a detestá-los como se fossem uma peste”¹⁴.

¹³ SCHMITT, Carl, 2006.

¹⁴ ESPINOZA, Baruch. 2003.

O medo torna o indivíduo tão piedoso a ponto de abandonar a razão na busca de apoios para enfrentar os males. Busca que origina a crença em poderes sobrenaturais responsáveis pelo seu destino. Dessa crença nasce a religião. Ignora-se a causa real dos fatos para crer que tudo depende de uma vontade onipotente que governa todas as coisas. Deus no controle!

A religião atrofia a inteligência para controlar comportamentos. As consequências políticas são profundas. Quanto mais misteriosa for a religião, mais medo incuti nos fiéis e com mais facilidade manipula suas vidas. A manipulação aumenta se for uma religião revelada diretamente pela divindade. Será mais forte se os poderes forem unificados num único poder onipotente. Esse Poder será ainda maior se a revelação for monopólio de alguns escolhidos. A palavra de pastores, padres, teólogos assume forma de lei suprema. São porta-vozes de Deus. Essa é o poder da religião diante de um povo que desconhece sua própria fé. A ignorância é causada pela própria religião.

Por fim, busca-se divinizar o próprio poder político: *Adorar reis como se fossem deuses*. Mito! Sacralizar o poder é obra da teologia. Essa dominação religiosa priva o indivíduo da responsabilidade política.

Karl Marx: “A crítica à religião é a condição preliminar e o pressuposto de toda a crítica, primeira afirmação da *Introdução à filosofia do Direito*¹⁵. “A religião é a expressão da miséria real. É protesto perante a miséria real”. A vítima da miséria cotidiana não toma consciência dos mecanismos reprodutores da mesma, articula sua inconformidade em linguagem religiosa. Porém, este protesto é uma fuga, uma impotência que serve de consolo: “A religião é ópio do povo”. A religião desmascara a miséria humana em face de um Deus salvador e consolador.

Criticar a religião é criticar a realidade da qual ela nasce. A religião existe porque existe um mundo injusto. Ela não é fruto de revelação sobrenatural, nem da invenção de profetas ou teólogos, mas produto do homem oprimido e explorado que busca consolo neste universo imaginário chamando “religião”.

Oscar Cullmann: Na obra *Cristo e política*¹⁶ analisa as consequências políticas de leituras fundamentalistas de Romanos 13.1-2: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação”.

¹⁵ MARX, Karl. 2005.

¹⁶ CULLMANN, Oscar, 1968.

Cullmann afirma que Romanos 13 deve ser lido em paralelo com Apocalipse 13 (2 bestas: besta com 10 chifres e 7 cabeças; besta com 2 chifres semelhante a um cordeiro que fala como dragão).

Usando a linguagem simbólica e figurada da literatura apocalíptica, João adverte quanto ao perigo destes dois poderes, o religioso e o político, se unirem. O poder político torna-se totalitário e instrumento de iniquidade.

Inspirados na leitura fundamentalista de Romanos 13, boa parte dos cristãos na Alemanha apoiou o Führer Adolf Hitler e o partido nazista, sem questionar nenhuma de seus discursos, atitudes e decisões.

A modo de provocação final

“O silêncio diante do mal é o próprio mal” (Dietrich Bonhoeffer), disse o teólogo que reagiu contra o nazifascismo e lutou até o fim contra a maior barbárie provocada pela extrema direita no século XX.

Temos medo de certas palavras. Seu uso acende alertas vermelhos e quebra a letargia. Não há palavra que gere mais medo do que fascismo. O Estado fascista usa toda sua força para despolitizar a sociedade, impede que as escolas sejam espaços formação, impede que trabalhadores pressionem as empresas por direitos laborais, utiliza da força policial para impedir greves, paralisações, ocupações, manifestações.

Precisamos entender como o fascismo funciona. Setores da elite dominante apoiam o fascismo quando se sentem ameaçada. Grandes empresários apoiaram Hitler e o financiaram. O fascismo continua funcionando da mesma maneira. A ditadura do capital se efetua precisamente dessa forma.

“Quando o fascismo toma posse de uma alma, não a deixa mais” (Benito Mussolini).

Para reconhecer os sinais de alerta do fascismo, basta observar como governos e pessoas se comportam com as mulheres e as minorias.

Aprendamos a resistir com os povos indígenas com sua experiência de 500 anos de luta contra o capitalismo.

Paulo Freire é o intelectual brasileiro que mais desperta o ódio da extrema direita. “Entrar com um lança-chamas no MEC para tirar o Paulo Freire de lá”, disse Bolsonaro. Sua memória nunca foi tão necessária! Quanto mais ameaças autoritárias pairam sobre seu legado, mais ele ganha força. Que Paulo Freire nos ajude a não perder a esperança. “Num país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário” (Paulo Freire).

Não há descanso possível! Nem tempo para ter medo.

“A nossa fé é revolucionária, porque nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro” (Papa Francisco).

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória*. Uma genealogia teológica da economia e do governo [Homo Sacer, II]. São Paulo: Boitempo, 2011.

COOPER, Melinda. *Los valores de la familia*. Entre el neoliberalismo y el nuevo social-conservadurismo. Madrid: Traficantes de sueños, 2022. (original: *Family Values. Between Neoliberalism and the New Social Conservatism*).

CULLMANN, Oscar. *Cristo e política*. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. *El ser neoliberal*. Barcelona: Gedisa, 2018.

_____. *Anatomía del nuevo neoliberalismo*. Viento Sur, n. 164, 2019.

_____. *Dominar*. Estudio sobre la soberanía del Estado de occidente, Barcelona: Gedisa, 2021.

ESPINOZA, Baruch. *Tratado Teológico-Político* (1677). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOETHE, Johann Wolfgang. *As Afinidades Eletivas* (1809). São Paulo: Penguin-Companhia, 2014.

HABERMAS, Jurgen. *Entre naturalismo e religião: estudos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do direito de Hegel* (1844). São Paulo: Boitempo, 2005.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, 2020.

SCHMITT, Carl. *Teologia Política* (1922). Belo Horizonte: DelRey, 2006.